PETROBRAS Por CLÁUDIA SCHÜFFNER

Integração e parcerias para negócios em escala global

Modelo é unir o produtor com a logística de transporte da estatal e um sócio estrangeiro para elevar as exportações

Alan Kardec: "Não seremos somente exportadores de matéria-prima"

Uma das maiores empresas integradas 'de energia do mundo, a Petrobras entrou na produção de biocombustíveis tendo como meta uma operação em esfera global. O presidente da empresa, José Sérgio Gabrielli, acredita que, apesar da maior parte da energia consumida pelo mundo nos próximos anos continuar sendo suprida pelo carvão, gás natural e petróleo, cada vez mais aumentará a participação dos biocombustíveis na matriz energética. Essa é a razão para a Petrobras almejar a liderança nacional na produção de biodiesel e uma operação global no negócio de etanol. Produzir álcool utilizando insumos agroindustriais em processos de primeira e segunda geração (bioetanol) não é uma meta exclusiva da estatal brasileira, que tem competidoras em fase bem mais adiantada no mundo. E ela sabe disso.

Desde julho de 2008, a Petrobras conta com uma subsidiária integral que teve como objetivo focar as iniciativas que vinham sendo desenvolvidas em diversas áreas da companhia isoladamente. O presidente da Petrobras Biocombustível, Alan Kardec Pinto, enumera os três pilares do negócio: a produção de energia limpa, que contribui para a redução do aquecimento global; a busca para ampliar a participação da energia renovável na matriz energética brasileira; e a contribuição para o aumento da geração de emprego e renda no campo. "E está funcionando", diz o executivo. "Estamos ajudando a montar cooperativas e assinando contratos de compra por cinco anos."

A meta é da estatal é chegar a 2012 exportando 4,75 bilhões de litros de etanol produzidos no Brasil. Em parceria com a Mitsui e a Camargo Corrêa, a Petrobras - através da área de abastecimento -vai construir um alcoolduto com 1.150 quilômetros de extensão e capacidade de transportar 12 milhões de metros cúbicos de combustível por ano. Ele vai partir de Senador Canedo, em Goiás, e chegar até Paulínia, em São Paulo, passando por Uberaba, no Triângulo Mineiro. De Paulínia, o duto vai a Guararema (SP), de onde seguirá para o terminal de São Sebastião (SP) ou para o terminal de Ilha d'Água, no Rio de Janeiro, ou para ambos, por intermédio de um poliduto já existente. Para realizar o projeto, as três sócias constituíram a empresa PMCC Projetos de Transporte de Álcool. O investimento previsto é de US$ l bilhão.

A Petrobras não pretende usar sua privilegiada logística de transporte e distribuição para simplesmente exportar biocombustíveis. "Não seremos puramente exportadores de matéria-prima. O tempo de Brasil Colônia acabou", afirma Kardec, de forma enfática. Por isso o modelo de negócio buscado é reunir um produtor nacional de etanol com a logística de transporte e comercialização da Petrobras e um sócio estrangeiro que possa garantir a colocação no exterior de toda a produção das usinas, que serão construídas no país também em regime de parceria.

Atualmente a estatal tem 100% do controle das usinas de Candeias, na Bahia, Quixadá, no Ceará, e Montes Claros, em Minas Gerais. As duas primeiras já estão em operação e a mineira iniciou a fase de testes para produção de biodiesel. As três usinas, todas no semi-árido, poderão fabricar biodiesel a partir de óleo de soja, mamona, girassol, sebo e outras gorduras recuperáveis. O objetivo, explica Kardec, *é* tornar a geração de emprego e renda sustentáveis no campo.

"Nosso objetivo é ter 80 mil agricultores familiares fornecendo para nossas usinas, sendo 30 mil agricultores para atender a usina de Quixadá, outros 30 mil para a de Candeias e 20 mil para a de Montes Claros, onde o percentual de suprimento da agricultura familiar é menor para a obtenção do selo combustível social do Ministério de Desenvolvimento Agrário", diz.

Nas três usinas do semi-árido foram investidos R$ 295 milhões do total de US$ 1,5 bilhão aprovados para a área. Agora, assim como todo o mercado, a Petrobras Biocombustíveis aguarda as definições do novo planejamento estratégico da sua controladora para o período 2009-2013. "Estamos reanalisando os investimentos porque temos expectativa de ampliá-los, mas não posso dizer para quanto, pois isso ainda está sendo estudado. Vai depender da reavaliação do plano estratégico da Petrobras", diz Kardec.

A produção das três usinas de biodiesel será vendida nos leilões da Agência Nacional de Petróleo (ANP), concorrendo com mais de 40 empresas do segmento no Brasil. Juntas, elas têm capacidade para produzir 170 milhões de litros de biodiesel por ano, o equivalente a 13% do mercado total brasileiro, que é de l ,3 bilhão de litros. Em um prazo mais longo, a meta *é* aumentar a produção, tomando a liderança na oferta nacional de biodiesel e chegando à marca de 938 milhões de litros de biodiesel produzidos anualmente. Para isso, serão necessárias novas usinas. Alan Kardec diz que, pelo atual plano estratégico, as plantas de biodiesel têm que ser ativo 100% Petrobras, mas o presidente da subsidiária afirma que *é* preciso aguardar o novo plano para saber se serão possíveis parcerias.

Para entrar de forma integrada na produção, transporte e comercialização de etanol, a Petrobras estuda a construção de 20 complexos bioenergéticos (os C-Bios). A estatal assinou 20 memorandos de entendimento (MOUs, na sigla em inglês) para formação de parcerias, sendo o primeiro deles com a japonesa Mitsui, que prevê a produção no Brasil e a exportação de etanol para o mercado japonês. Outra parceria, em fase adiantada, está sendo negociada com a portuguesa Galp e prevê a exportação de biodiesel para o mercado português, onde a Petrobras será sócia de uma usina na proporção de 50% para cada parceiro.

O primeiro C-Bio terá capaci-

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais

SCHNUFFER, Cláudia. Integração e parcerias para negócios em escala global. **Valor Especial**, São Paulo, p. 62-65, nov. 2008.